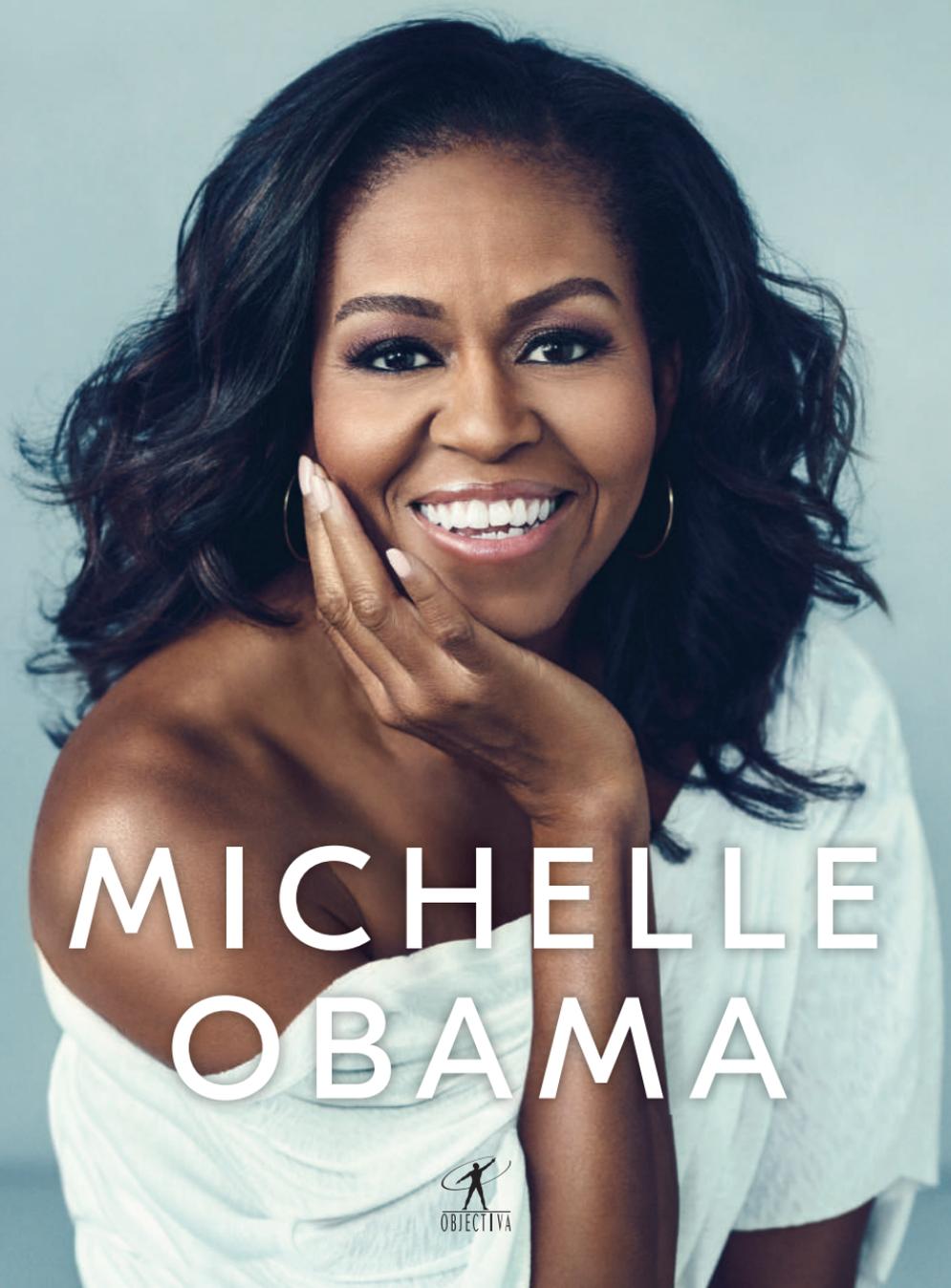


BECOMING

A MINHA HISTÓRIA



MICHELLE
OBAMA









*A todos os que me ajudaram a ser quem sou:
as pessoas que me criaram — Fraser, Marian,
Craig e a minha vasta família alargada,
o meu círculo de mulheres fortes, que me animam sempre,
a minha leal e dedicada equipa, que continua
a dar-me motivos de orgulho.*

*Aos amores da minha vida:
Malia e Sasha, as minhas jóias mais preciosas,
que são a minha razão de ser,
e, por último, Barack, que sempre me prometeu
uma viagem interessante.*

Índice

Prefácio

13

Eu

19

Nós

137

Mais

319

Epílogo

461

Agradecimentos

467

Prefácio

Março de 2017

Quando era pequena, as minhas aspirações eram simples. Queria ter um cão. Queria uma casa que tivesse escadas — dois andares para uma família. E, sabe-se lá porquê, queria uma carrinha de quatro portas em vez do *Buick* de duas portas que era a menina dos olhos do meu pai. Costumava dizer às pessoas que, quando crescesse, ia ser pediatra. Porquê? Porque adorava estar rodeada de crianças e depressa percebi que era uma resposta que agradava aos adultos. *Oh, Medicina! Que bela escolha!* Naquela época, eu usava o cabelo apanhado em dois carrapitos, mandava no meu irmão mais velho e conseguia, sempre e em qualquer circunstância, ter a nota máxima na escola. Era ambiciosa, embora não soubesse exactamente o que me propunha atingir. Hoje em dia considero que se trata de uma das perguntas mais inúteis que um adulto pode fazer a uma criança: «O que queres ser quando fores grande?» Como se crescer fosse finito. Como se a dada altura nos tornássemos algo e isso fosse o fim.

Até agora, já fui advogada. Já fui vice-presidente de um hospital e directora de uma organização sem fins lucrativos que ajuda jovens a terem carreiras que fazem a diferença. Já fui uma estudante negra da classe operária numa universidade chique com uma comunidade estudantil maioritariamente branca. Já fui a única mulher, a única afro-americana, em toda a espécie de sítios. Já fui a noiva, a mãe ansiosa de primeira viagem, a filha com o coração despedaçado devido à dor

da perda. E, até recentemente, fui a primeira-dama dos Estados Unidos da América — título que não é oficialmente um cargo mas que, ainda assim, me proporcionou uma plataforma como nenhuma outra que alguma vez pudesse ter imaginado. Apresentou-me desafios e tornou-me mais humilde, levou-me aos píncaros e fez-me sentir minúscula, por vezes tudo isto ao mesmo tempo. Estou agora a começar a processar o que aconteceu ao longo dos últimos anos — desde o momento, em 2006, em que o meu marido começou a falar em candidatar-se à Presidência até à fria manhã deste Inverno, quando entrei numa limusina com Melania Trump para a acompanhar à cerimónia de tomada de posse do marido. Tem sido uma viagem e tanto!

Quando se é a primeira-dama, a América revela-se-nos nos seus extremos. Já comparei em acções de angariação de fundos em casas particulares que mais parecem museus de arte, casas onde as banheiras são feitas de pedras preciosas. Já visitei famílias que perderam tudo devido ao furacão *Katrina* e encontrei-as em lágrimas e gratas simplesmente por terem um frigorífico e um fogão que funcionavam. Já me deparei com pessoas que considerei fúteis e hipócritas e com outras — professores, cônjuges de oficiais das Forças Armadas e muitas mais — cujo carácter é tão forte e profundo que é impressionante. E já conheci crianças — muitas mesmo, por todo o mundo — que me fizeram rir a bandeiras despregadas e me encheram de esperança e que, abençoadamente, conseguem esquecer-se do meu título mal começamos a remexer a terra de um jardim.

Desde que, relutantemente, entrei na vida pública, já fui elevada à categoria de mulher mais poderosa do mundo e deitada abaixo como uma «mulher negra em fúria». Apeteceu-me perguntar aos meus detractores que parte desta expressão é mais importante para eles: será «em fúria» ou «negra» ou «mulher»? Já posei com um sorriso para as câmaras fotográficas ao lado de indivíduos que proferem insultos terríveis contra o meu marido na televisão pública, mas mesmo assim querem ficar com uma recordação emoldurada para pôr em cima da lareira. Já ouvi falar de páginas pantanosas na Internet que põem em causa tudo sobre mim, até se sou uma mulher ou um homem. Um congressista ainda em funções troçou do meu traseiro. Já fiquei magoada. Já me senti furiosa. Mas, na maioria das vezes, o que tentei fazer foi encarar tudo isto com humor.

Ainda há muita coisa que desconheço acerca da América, da vida, do que o futuro poderá trazer. Porém, conheço-me. O meu pai, Fraser, ensinou-me a trabalhar arduamente, a rir muito e a honrar a minha palavra. A minha mãe, Marian, encorajou-me a pensar pela própria cabeça e a usar a minha voz. Juntos, no nosso pequeno apartamento no South Side, em Chicago,¹ ajudaram-me a reconhecer o valor da nossa história, da minha história, da história do nosso país num sentido mais lato. Mesmo quando não é bonita ou perfeita. Mesmo quando é mais real do que gostaríamos que fosse. A nossa história é o que temos, o que teremos sempre. É algo que nos pertence.

Durante oito anos vivi na Casa Branca, um local que tem escadas a perder de conta — além de elevadores, uma pista de bólingue e florista. Dormia numa cama com lençóis feitos em Itália. As nossas refeições eram confeccionadas por uma equipa composta por *chefs* de renome mundial e servidas por profissionais mais bem treinados do que os funcionários de qualquer restaurante ou hotel de cinco estrelas. Do lado de fora das portas, fazendo o possível para não perturbarem a nossa vida familiar, tínhamos agentes dos serviços secretos, com os seus auriculares e armas de fogo e expressões faciais propositadamente neutras. Acabámos por, mais ou menos, nos habituarmos a tudo isso — à estranha grandiosidade da nossa nova casa e também à constante e silenciosa presença de outras pessoas.

A Casa Branca é o local onde as nossas duas filhas jogaram à bola, nos corredores, e treparam às árvores no jardim sul. É o local onde Barack passou noites em claro a trabalhar, analisando relatórios e revendo as primeiras versões de discursos na Sala do Tratado, e onde *Sunny*, um dos nossos cães, defecou em cima do tapete. Podia ir à Varanda Truman e observar os turistas a posarem para a fotografia munidos com bastões de *selfies* e a espreitarem pelo gradeamento, tentando adivinhar o que se passava no interior. Houve dias em que me senti sufocada com o facto de as nossas janelas terem de permanecer fechadas por motivos de segurança, por não poder apanhar um pouco de ar puro sem que isso gerasse confusão. Houve outras alturas em que

¹ O North Side e o South Side são duas grandes zonas da cidade de Chicago, sendo a terceira o West Side, a oeste; a este fica o lago Michigan. (N. das T.)

me senti maravilhada com as magnólias em flor lá fora, a azáfama diária da governação propriamente dita, a magnificência de uma recepção militar. Houve dias, semanas e meses em que odiei o mundo da política. E houve momentos em que a beleza deste país e do seu povo me comoveu a ponto de ficar sem palavras.

Depois acabou. Embora saibamos que vai acontecer, ainda que as derradeiras semanas sejam preenchidas por despedidas emotivas, o dia em si não deixa de ser confuso. Uma mão pousa na Bíblia; repete-se um juramento. O mobiliário de um presidente é levado enquanto o do outro é transportado para o interior. Os armários são esvaziados e voltam a ficar cheios numa questão de horas. Num abrir e fechar de olhos, há novas cabeças a repousarem em novas almofadas — novas personalidades, novos sonhos. E, quando tudo termina, quando transpomos pela última vez a porta da casa mais famosa do mundo, em muitos aspectos damos por nós a precisarmos de nos reencontrarmos.

Por isso, permitam-me que comece com um pequeno episódio que se deu há relativamente pouco tempo. Eu estava em casa, na moradia de tijolo para onde a minha família se mudou recentemente. A nova residência fica a uns três quilómetros da anterior, num bairro sossegado. Ainda estamos a instalar-nos. Na sala, a mobília encontra-se disposta tal como na Casa Branca. Temos pequenas lembranças espalhadas pela casa que não nos deixam esquecer de que o que vivemos foi real: fotografias de momentos em família em Camp David, vasos feitos à mão que me foram oferecidos por estudantes nativo-americanos, um livro autografado por Nelson Mandela. O que tornava aquela noite estranha era que mais ninguém estava presente. Barack estava em viagem. Sasha tinha saído com uns amigos. Malia está a viver e a trabalhar em Nova Iorque, na recta final do seu ano sabático antes de entrar na faculdade. Era apenas eu, os nossos dois cães e uma casa vazia e silenciosa como há oito anos não sabia o que isso era.

E tinha fome. Saí do quarto e desci as escadas com os cães no meu encaço. Quando cheguei à cozinha, abri o frigorífico. Encontrei o pão, peguei em duas fatias e pu-las na torradeira. Abri um armário e tirei um prato. Eu sei que parece estranho dizer isto, mas tirar um prato de um armário da cozinha sem alguém insistir em fazê-lo por mim e estar ali sozinha a ver o pão a torrar é o mais perto que já me encontrei do regresso

à minha antiga vida. Ou talvez seja a minha nova vida que começa a fazer-se anunciar.

Acabei por não me ficar pelas torradas: preparei uma tosta de queijo e levei as fatias de pão ao microondas para derreter o *cheddar*, gordo e pegajoso, que coloquei no meio. Peguei então no prato e levei-o para o quintal. Não tinha de avisar ninguém de que ia. Limitei-me a ir. Estava descalça, de calções. O frio do Inverno finalmente acalmara. Nos canteiros ao longo da parede das traseiras, o açafão estava a começar a brotar. O ar cheirava a Primavera. Sentei-me nos degraus do alpendre, sentindo as lajes por baixo dos meus pés ainda quentes do sol daquele dia. Um cão desatou a ladrar algures ao longe, e os meus cães ficaram à escuta, parecendo momentaneamente confusos. Ocorreu-me que se tratava de um som insólito para eles, tendo em conta que na Casa Branca não tínhamos vizinhos, muito menos cães de vizinhos. Para eles, tudo aquilo era uma novidade. Enquanto os cães forma explorar as redondezas, comi a tosta no escuro, sentindo-me sozinha no melhor dos sentidos. Nos meus pensamentos não estava o grupo de seguranças armados a menos de noventa metros no posto de comando que foi instalado na nossa garagem, ou o facto de que continuo a não poder andar pelas ruas sem um destacamento de segurança. Para ser sincera, não estava a pensar no novo presidente, nem sequer no antigo.

Em vez disso, pensei que dali a uns minutos iria voltar para dentro de casa, lavar o prato no lava-louça e subir até ao quarto para me deitar, e talvez abrir uma janela para poder sentir o ar da Primavera — o quão maravilhoso isso seria. Também pensei que a tranquilidade me proporcionava uma verdadeira primeira oportunidade para reflectir. Enquanto primeira-dama, por vezes chegava ao fim de uma semana atarefada e precisava que me relembrassem de como tinha começado. Mas o tempo começa a parecer diferente. As minhas filhas, que chegaram à Casa Branca com as suas bonecas *Polly Pockets*, um cobertor chamado *Blankie* e um tigre de peluche, de nome *Tiger*, agora são adolescentes, jovens com planos e vozes próprias. O meu marido está a adaptar-se à vida pós-Casa Branca, a recuperar o fôlego. E eis-me aqui, neste lugar novo, com muito para dizer.

Eu

1

Passei grande parte da infância a escutar o som do empenho, sob a forma de música de má qualidade ou, pelo menos, amadora, que me chegava através do soalho do chão do meu quarto — o *plinc plinc plinc* dos alunos sentados ao piano da minha tia-avó Robbie no piso de baixo, a aprenderem, lentamente e sem perfeição, a tocar escalas. A minha família vivia no bairro South Shore, em Chicago, numa irrepreensível moradia de tijolo que pertencia a Robbie e ao marido, Terry. Os meus pais arrendaram um apartamento no segundo andar, e Robbie e Terry viviam no primeiro. Robbie era tia da minha mãe, para quem foi generosa durante muitos anos, mas a mim metia-me pavor. Aprumada e sisuda, dirigia o coro da igreja local e era também professora de piano da comunidade. Usava calçado prático e confortável e andava sempre com os óculos pendurados ao pescoço por uma pequena corrente. Tinha um sorriso matreiro, mas não apreciava o sarcasmo como a minha mãe. Por vezes, ouvia-a a ralar com os alunos por não terem praticado o suficiente ou com os pais deles por se atrasarem quando iam levá-los às lições.

«Boa noite!», costumava Robbie exclamar a qualquer hora do dia, no mesmo tom exasperado com que outra pessoa diria: «Oh, por amor de Deus!» Aparentemente, poucas pessoas eram suficientemente boas aos olhos dela.

Contudo, o som de pessoas a empenharem-se tornou-se a banda sonora da nossa vida. Ouvia-se o martelar das teclas durante a tarde

e o martelar das teclas ao serão. Ocasionalmente, as senhoras da igreja apareciam para ensaiarem os hinos, bradando a sua piedade através das nossas paredes. Segundo as regras de Robbie, as crianças que tinham lições de piano só podiam trabalhar numa canção de cada vez. Do meu quarto, podia ouvi-las a esforçarem-se, uma nota incerta após a outra, por obterem a aprovação dela, evoluindo de uma canção infantil como «Hot Cross Buns» para «Brahms' Lullaby», mas só ao fim de muitas tentativas. A música nunca era irritante, apenas persistente. Esgueirava-se pelas escadas que separavam o nosso espaço do de Robbie. Entrava pelas janelas abertas durante o Verão, acompanhando os meus pensamentos enquanto brincava com as minhas *Barbies* ou construía pequenos reinos com blocos de construção. Só tínhamos tréguas quando o meu pai chegava a casa depois de ter feito o turno da manhã na estação de tratamento de águas e se punha a ver o jogo dos Cubs na televisão, aumentando o volume o suficiente para abafar tudo o resto.

Isto foi na recta final da década de 1960 no South Side, em Chicago. Os Cubs não eram uma má equipa, mas também não eram nada de especial. Eu sentava-me ao colo do meu pai, na sua poltrona, e escutava a sua explicação sobre como os Cubs estavam em pleno declínio no final da época ou o motivo por que Billy Williams, que vivia logo ao virar da esquina, na Avenida Constance, batia tão bem à esquerda da caixa de batimento. Fora dos campos de beisebol, a América passava por um momento de transformação incerta e em larga escala. Os Kennedy tinham morrido. Martin Luther King Jr. foi assassinado quando se encontrava numa varanda em Memphis, desencadeando motins por todo o país, incluindo em Chicago. A convenção nacional de 1968 do Partido Democrata acabou num banho de sangue quando a polícia dispersou os protestantes contra a Guerra do Vietname com bastões e gás lacrimogéneo no Parque Grant, cerca de quinze quilómetros a norte do local onde vivíamos. Entretanto, as famílias brancas saíam da cidade aos magotes, atraídas para os subúrbios — a promessa de melhores escolas, mais espaço e, provavelmente, também mais brancura.

Na verdade, eu não me apercebia de nada disto. Era apenas uma criança, uma menina com *Barbies* e blocos de construção, dois pais e um irmão mais velho que todas as noites dormia com a cabeça a menos de um metro da minha. A minha família era o meu mundo, o centro

de tudo. A minha mãe ensinou-me a ler cedo, levando-me à biblioteca a pé e sentando-se ao meu lado enquanto eu explorava o som das palavras nas páginas dos livros. O meu pai ia para o trabalho todos os dias vestido com a farda azul de funcionário municipal, mas à noite mostrava-nos o que era adorar *jazz* e arte. Em miúdo frequentou o Instituto de Artes de Chicago e no liceu dedicou-se à pintura e à escultura. Também praticou, ainda na escola, boxe e natação de competição e, quando atingiu a idade adulta, era adepto de todos os desportos que passavam na televisão, do golfe profissional ao futebol americano. Gostava de ver pessoas fortes a destacarem-se. Quando o meu irmão, Craig, se interessou pelo basquetebol, o meu pai colocou moedas em cima da ombreira da porta da cozinha, incentivando-o a saltar para as alcançar.

Tudo o que era importante encontrava-se num raio de cinco quarteirões: os meus avós e primos, a igreja da esquina onde não íamos à catequese com muita assiduidade, a bomba de gasolina onde a minha mãe às vezes me mandava ir comprar um maço de *Newports* e a loja de bebidas alcoólicas, onde também vendiam pão de forma, rebuçados e pacotes de leite. Nas noites quentes de Verão, eu e Craig adormecíamos ao som dos gritos e aplausos dos espectadores dos jogos da liga de futebol que decorriam no parque perto de nossa casa, onde passávamos os dias a trepar aos equipamentos do parque infantil e a jogar à apanhada com as outras crianças.

Eu e Craig não chegamos a ter dois anos de diferença. Ele tem os olhos meigos e o espírito optimista do nosso pai e é implacável como a nossa mãe. Sempre fomos muito chegados, em parte graças a uma lealdade inabalável e de certo modo inexplicável que ele parece ter sentido para com a irmã mais nova desde o primeiro momento. Há uma velha fotografia de família a preto e branco dos quatro sentados num sofá, a minha mãe, sorridente, comigo no regaço, o meu pai sério e orgulhoso, com Craig sentado no colo. Estamos com roupa de domingo ou talvez arrançados para ir a um casamento. Tenho uns oito meses, uma reguila de primeira categoria de cara bolachuda e fralda num vestido branco acabado de engomar, parecia prestes a escapar-me das garas da minha mãe e fitava a câmara com ar de quem a vai comer. Ao meu lado, Craig, um autêntico cavalheiro de *blazer* e laço ao pescoço, a exhibir uma expressão solene. Tem dois anos e já é a personificação

do sentido de vigilância fraternal e responsabilidade — o braço esticado para alcançar o meu, os dedos a agarrar, de um modo protector, o meu pulso com refegos.

À época em que a fotografia foi tirada, apenas um corredor nos separava dos meus avós paternos em Parkway Gardens, num bairro de habitação social no South Side composto por edifícios de apartamentos ao estilo modernista que foi construído na década de 1950 por uma cooperativa de habitação, com o objectivo de colmatar a falta de alojamento para as famílias negras da classe operária no pós-Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, viria a deteriorar-se devido à pobreza e à violência entre gangues, tornando-se uma das zonas mais perigosas da cidade para se viver. Bem antes disso, porém, quando eu ainda era uma criança de colo, os meus pais — que se conheceram na adolescência e casaram aos vinte e poucos anos — aceitaram o convite para se mudarem para a casa de Robbie e Terry, a alguns quilómetros para sul, localizada num bairro melhor.

Na Avenida Euclid éramos dois agregados familiares a viver debaixo do mesmo tecto, que não era de todo grande. A julgar pela planta da casa, o segundo andar foi provavelmente projectado como um apartamento para receber os sogros, ser ocupado por uma ou duas pessoas, mas nós os quatro arranjámos maneira de caber lá dentro. Os meus pais dormiam no único quarto, enquanto eu e Craig partilhávamos uma área maior que, penso, deve ter sido a sala. Depois, à medida que fomos crescendo, o meu avô — Purnell Shields, o pai da minha mãe, carpinteiro apaixonado, se não mesmo extremamente talentoso — trouxe-nos uns painéis de madeira rasca e improvisou uma divisória para separar aquela assoalhada em dois espaços semiprivados. Acrescentou uma porta de fole a cada um e criou uma pequena área para brincar na entrada, onde podíamos guardar os nossos brinquedos e os livros.

Eu adorava o meu quarto. A sua dimensão comportava apenas uma cama de solteiro e uma secretária exígua. Mantinha todos os meus peluches em cima da cama e tinha uma paciência incrível para os ajeitar à cabeceira todas as noites, um ritual que me reconfortava. Do outro lado da divisória, Craig vivia uma espécie de existência reflectida no espelho, com a própria cama paralela à minha. Os painéis eram tão finos que podíamos ficar a conversar à noite, deitados na cama,

e muitas vezes atirávamos um ao outro uma meia enrolada em forma de bola através do intervalo de vinte e cinco centímetros entre a divisória e o tecto.

Enquanto isso, a tia Robbie mantinha a sua parte da casa como um mausoléu, com os sofás protegidos por capas de plástico que eram frias ao toque e se me colavam à pele das pernas quando me atrevia a sentar-me neles. As suas prateleiras estavam a abarrotar de bibelôs de porcelana nos quais estávamos proibidos de tocar. Eu deixava a minha mão pairar num conjunto de caniches de vidro com um focinho amoroso — uma mãe com um ar delicado e as três pequenas crias — e depois retirava-a, temendo a ira de Robbie. Quando não havia lições, reinava um silêncio sepulcral no primeiro andar. A televisão nunca era ligada, o rádio nunca tocava. Nem sequer sei se aqueles dois conversavam muito lá em baixo. O nome completo do marido de Robbie era William Victor Terry, mas por algum motivo apenas o tratávamos pelo apelido. Terry era como uma sombra, um homem com um ar distinto que envergava fatos de três peças todos os dias da semana e praticamente nunca dizia uma palavra.

Acabei por encarar o andar de cima e o de baixo como dois universos diferentes, governados por sensibilidades antagónicas. Lá em cima, éramos barulhentos e não tínhamos remorsos. Eu e Craig atirávamos com bolas e corríamos um atrás do outro pelo apartamento. Pulverizávamos o soalho de madeira do corredor com o *spray* limpa-móveis para podermos deslizar de meias mais depressa e até mais longe, muitas vezes chocando contra as paredes. Fazíamos combates de boxe na cozinha, irmão contra irmã, usando os conjuntos de luvas que o meu pai nos ofereceu no Natal, juntamente com instruções personalizadas sobre como dar um murro como deve ser. À noite, em família, jogávamos jogos de tabuleiro, contávamos histórias e piadas, púnhamos os discos dos Jackson 5 a tocar. Quando começava a ser demasiado para Robbie, lá em baixo, ela carregava enfaticamente no interruptor da luz das escadas que partilhávamos, o qual também controlava a luz do nosso corredor, acendendo-a e apagando-a, uma e outra vez — a sua forma falsamente bem-educada de nos mandar fazer menos barulho.

Robbie e Terry eram mais velhos. Cresceram noutra era, com outras preocupações. Viram coisas que os nossos pais não viram — coisas que eu e Craig, na nossa algazarra de crianças, não podíamos

sequer imaginar. Esta é uma versão daquilo que a minha mãe diria se ficássemos demasiado irritados por causa da rezinguice que vinha do piso de baixo. Embora conhecêssemos o contexto, éramos educados no sentido de não nos esquecermos de que o mesmo existia. Todas as pessoas neste mundo, diziam-nos, carregam consigo uma história invisível, e isso merece alguma tolerância. Robbie, viria eu a saber muitos anos depois, processou a Universidade do Noroeste por discriminação, porque se inscreveu num *workshop* de música coral em 1943 e foi-lhe negado um quarto na residência feminina. Em vez disso, foi instruída a ficar alojada numa residência na cidade — um sítio para «os de cor», disseram-lhe. Terry, por sua vez, foi assistente de vagões num comboio-hotel que fazia o serviço nocturno numa das linhas de transporte de passageiros com partidas e chegadas a Chicago. Era uma profissão respeitável, se não mesmo bem remunerada, desempenhada quase em exclusivo por homens negros que conservavam os seus uniformes imaculados enquanto carregavam as bagagens, serviam as refeições e, de um modo geral, asseguravam as necessidades dos passageiros, o que incluía engraxar-lhes os sapatos.

Reformado havia anos, o Terry ainda vivia num estado de formalidade entorpecida: impecavelmente vestido, ligeiramente servil, nunca fazia valer a sua opinião fosse de que maneira fosse, pelo menos tanto quanto me era possível perceber. Era como se tivesse abdicado de uma parte de si para conseguir sobreviver. Costumava observá-lo a cortar a relva do nosso quintal no pico do Verão com uns brogues calçados, suspensórios, um chapéu fedora de aba curta e as mangas da camisa cuidadosamente enroladas. Permitia-se fumar precisamente um cigarro por dia e um *cocktail* por mês, e mesmo nessas ocasiões não se descontraía, como acontecia com o meu pai e a minha mãe depois de beberem um *cocktail* ou uma cerveja, o que faziam algumas vezes por mês. Parte de mim queria que Terry falasse, que desembuchasse os segredos que guardava. Imaginava que ele sabia todo o tipo de histórias interessantes sobre as cidades que visitou e como as pessoas ricas se comportavam (ou não) nos comboios. Mas ele nem queria ouvir falar nisso. Por algum motivo, nunca chegou a contar.

* * *

O ÍNTIMO, PODEROSO E INSPIRADOR

LIVRO DE MEMÓRIAS DA EX-PRIMEIRA-DAMA

DOS ESTADOS UNIDOS

Quando era menina, o mundo de Michelle Robinston era o bairro de South Side de Chicago, onde ela e o irmão Craig partilhavam o quarto no apartamento alugado da família e brincavam à apanhada no parque. Foi lá que os seus pais, Fraser e Marian Robinston, a educaram para ser franca e destemida. Mas a vida não tardou a levá-la muito mais longe: dos corredores da Universidade de Princeton, onde pela primeira vez aprendeu o que era ser a única mulher negra numa sala, até à torre de escritórios envidraçada onde trabalhou como advogada numa reputada firma de advocacia e onde, numa manhã de Verão, um estudante de Direito chamado Barack Obama assomou à porta do seu gabinete e revolucionou todos os seus meticulosos planos.

Neste livro, pela primeira vez, Michelle Obama descreve os anos iniciais do seu casamento, enquanto se debatia com a dificuldade de equilibrar a vida profissional e familiar com a meteórica carreira política do marido. Faz-nos testemunhas do debate privado do casal, sobre se ele deveria candidatar-se à Presidência e sobre o seu próprio papel, enquanto figura popular, embora frequentemente criticada, na campanha eleitoral. Com elegância, sentido de humor e uma sinceridade pouco comum, Michelle Obama faz um relato vívido e íntimo da histórica ascensão da sua família ao palco mundial, assim como das suas vidas na Casa Branca ao longo de oito anos memoráveis — conforme foi conhecendo o seu país e o seu país a foi conhecendo.

Becoming — A minha história leva-nos numa viagem que passa pelas cozinhas humildes do Iowa e pelos salões de baile do Palácio de Buckingham, por momentos de avassaladora tristeza e de profunda resiliência, permitindo-nos mergulhar na alma de uma figura única e pioneira na História, que se esforça por viver com autenticidade, colocando a sua força pessoal e a sua voz ao serviço de um conjunto de ideais da maior importância. Com este testemunho honesto e corajoso, Michelle Obama lança um desafio a todos nós: quem somos e quem queremos ser?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 editoraobjectiva

ISBN 9789897842788



g 789897 842788 >